

O JARDIM SECRETO

A HISTÓRIA CONTADA NO FILME



LINDA CHAPMAN

Baseado no roteiro escrito por Jack Thorne, e baseado
no livro original escrito por Frances Hodgson Burnett

Tradução
Alda Lima



Rio de Janeiro, 2020

Copyright © 2020 by STUDIOCANAL S.A.S. All rights reserved.
Título original: *The Secret Garden*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Rayssa Galvão*

Preparação de original: *Marcela Isensee*

Revisão: *André Sequeira*

Adaptação de capa: *Osmane Garcia Filho*

Diagramação: *Abreu's System*

Produção do eBook: *Ranna Studio*

CIP/Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C432j

Chapman, Linda

O jardim secreto: a história do filme / Linda Chapman; tradução Alda Lima. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Haper Collins, 2020.

208 p.

Tradução de: *The secret garden; the cinematic adaptation*

ISBN 9788595086920

1. Ficção inglesa. I. Lima, Alda. II. Título.

20.62739

CDD: 823

CDU: 82.3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza , Bibliotecária CRB,7/6439

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

Copyrighted image

Sumário

CAPÍTULO UM | Barulhos na noite

CAPÍTULO DOIS | Uma longa viagem

CAPÍTULO TRÊS | Misselthwaite Manor

CAPÍTULO QUATRO | A mansão à noite

CAPÍTULO CINCO | Explorando a mansão

CAPÍTULO SEIS | Fazendo amigos

CAPÍTULO SETE | Colin

CAPÍTULO OITO | O sr. Craven

CAPÍTULO NOVE | O jardim secreto

CAPÍTULO DEZ | Primos

CAPÍTULO ONZE | Sonhos e lembranças

CAPÍTULO DOZE | Dickon

CAPÍTULO TREZE | O quarto escondido

CAPÍTULO CATORZE | O segredo do pássaro

CAPÍTULO QUINZE | Correndo riscos

CAPÍTULO DEZESSEIS | Novos amigos

CAPÍTULO DEZESSETE | Descoberta

CAPÍTULO DEZOITO | Prisioneira

CAPÍTULO DEZENOVE | Libertando o passado

CAPÍTULO VINTE | Uma saída

CAPÍTULO VINTE E UM | O incêndio

CAPÍTULO VINTE E DOIS | Acreditar em mágica

CAPÍTULO VINTE E TRÊS | Quatro meses depois...

Sobre a autora

CAPÍTULO UM

Barulhos na noite

Mary Lennox não conseguia dormir. Um grande ventilador de teto girava lentamente, mas o quarto estava quente demais. Lá fora, em meio à escura noite indiana, os insetos que chilreavam e sibilavam eram abafados por gritos. *Os criados estão fazendo muito barulho esta noite*, pensou Mary. *Por que papai não manda ficarem quietos?* Sentando-se na cama, Mary ajeitou as mechas do cabelo na altura do queixo atrás das orelhas e pegou sua boneca de pano.

— Está conseguindo dormir, Jemima? — sussurrou.

A boneca apenas a encarou.

Mary gostava de fingir que Jemima entendia tudo que ela dizia, porque conversar e contar histórias para a boneca era uma maneira de minimizar o tédio e a solidão. Não tinha irmãos nem irmãs, e os criados — exceto a aia, sua ama indiana — mantinham certa distância. E não podia ir muito lá fora, porque o sol era forte demais. O pai estava sempre ocupado com o trabalho, sem tempo para brincar tanto quanto ela gostaria, e a mãe... Mary mordeu o lábio. Sabia que sua mãe não gostava dela. Às vezes, achava até que a odiava.

Bom, eu também a odeio, pensou Mary, fechando a cara.

Ouviu um grito vindo de algum lugar da casa, seguido pelo som de uma pancada e uma porta batendo. Sentiu um frio na barriga. Espiou pela porta do quarto. O que estava acontecendo?

Escutara o pai conversando com amigos, comentando a respeito dos tumultos que aconteciam Índia afora. Não tinha entendido bem, mas parecia que o povo indiano não queria mais os ingleses em sua terra e estava pedindo aos estrangeiros que fossem embora. Papai e seus amigos tinham conversado sobre os conflitos nas ruas. Mas essas ruas com certeza eram bem longe dali, em cidades distantes. Os criados indianos que trabalhavam para a família Lennox continuavam cumprindo as ordens, então Mary não conseguia imaginá-los brigando. Não, estava segura. Nada de ruim lhe aconteceria.

Afagou os cabelos da boneca, tentando ignorar as pancadas, as batidas e os gritos abafados vindo de fora do quarto.

— Está com medo, Jemima? Bom, não precisa ficar. São só os adultos sendo adultos. Quer que eu conte uma história para você ficar mais calma?

Mary acendeu uma lamparina e saiu da cama, levando Jemima para uma cabana que construía com almofadas e cobertas bem no meio do quarto. Começou a recitar uma de suas histórias favoritas, com direito a um teatrinho de sombras para acompanhar as falas. Era uma história que ouvira da aia, sobre um menino chamado Rama e uma menina chamada Sita que se amavam muito, só que um dia um demônio sequestrou Sita e a levou embora. As histórias da aia eram cheias de deuses e demônios, mágica e aventura.

Quando Mary estava chegando ao fim da história, e os barulhos fora do quarto tinham se aquietado, suas pálpebras começaram a pesar.

— Rama já estava alcançando Sita e o demônio, mas o demônio disparou um fogo que o aprisionou entre as chamas — falou, bocejando. — Por sorte, Agni, o deus do fogo, estava assistindo a tudo; ele separou as chamas e subiu com Rama até as nuvens. Depois disso, os dois partiram, procurando, em uma busca eterna, o amor de Rama.

Mary apagou a lamparina e se afundou nas almofadas, Jemima ainda em seus braços. Piscou uma, duas vezes, até que, poucos segundos depois, adormeceu.

Copyrighted image

Um gramado verde e úmido... canteiros repletos de flores cor-de-rosa, lilás e azuis... árvores com galhos desabrochando... Mary seguiu correndo por uma trilha ladeada de estátuas... Um adulto segurava a sua mão. Ela estava rindo, tentando não cair, e se sentia feliz — uma felicidade completa, maravilhosa...

Mary foi acordando aos poucos. Tentou se agarrar àquele sonho familiar, mas, como sempre, ele já se esvaíra. O jardim dos sonhos era diferente de qualquer outro que já conhecera, mas parecia tão real quando estava lá que Mary sempre se enchia de uma felicidade genuína quando o visitava. Suspirando, esfregou os olhos. A primeira coisa que notou foi que as cortinas ainda estavam abertas e que estava bem claro lá fora. A luz do sol inundava o quarto. Mary sentiu a barriga roncar. Onde estava sua aia? Por que não trouxera o café da manhã?

Faminta e zangada, ela se sentou, ainda no seu canto.

— Aia! — chamou, alto.

Para a surpresa dela, a porta não se abriu de repente, revelando o rosto gentil da aia. Ainda mais zangada, Mary ergueu a voz:

— Aia! Estou chamando! Está tarde e ainda nem me vesti! —
Então berrou: — AIA!

Mary aguardou. Ninguém veio. O que estava acontecendo? A casa estava completamente quieta. Aquilo era estranho. Em geral conseguia ouvir os empregados andando para lá e para cá. Ficou aflita, lembrando os sons estranhos da noite anterior.

— Será... será que devemos sair e dar uma olhada para tentar encontrar alguém? O que acha, Jemima? — Tentava soar corajosa, mas sua voz saiu meio trêmula. — É, eu também acho que é uma boa ideia... Não se preocupe. Vou cuidar de você. Vamos atrás do papai, e ele vai buscar a aia.

Ela abriu a porta do quarto e parou. Os quadros tinham sido arrancados das paredes e estavam largados no chão, sem as molduras de ouro. Sentido o coração acelerado, Mary saiu correndo pela casa. Todos os cômodos estavam iguais: cortinas arrancadas, enfeites quebrados no chão, os móveis quase todos desaparecidos, e, na cozinha, armários abertos e prateleiras vazias. Tudo de valor tinha sumido, e — pior ainda — não havia mais ninguém lá.

— Pai? Papai? Aia? — chamou, mais alto.

Mary abriu as portas para a varanda. O sol continuava brilhando forte, mas o jardim estava tão deserto quanto a casa. Ela segurou Jemima mais apertado, sussurrando:

— Para onde foi todo mundo?

CAPÍTULO DOIS

Uma longa viagem

Mary estava sentada no banco de madeira de um enorme navio, que cruzava um vasto oceano rumo à Inglaterra, deixando a Índia para trás. Estava com as costas retas e admirava o céu em silêncio, segurando Jemima nos braços. Perto dela, no convés, um grupo de crianças barulhentas brincava, mas Mary não se juntou a elas. Já fazia várias semanas desde que acordara e encontrara a casa saqueada, mas parecia ter se passado uma vida inteira.

Ninguém aparecera na casa durante dois dias, até chegarem dois guardas ingleses, que tinham ficado espantados ao encontrar Mary lá. A menina estava suja, com sede e fome, e foi levada para o hospital. Mary perguntara aos dois onde estavam seus pais, mas os guardas apenas pediram que ela fosse boazinha e não se preocupasse. No hospital, uma enfermeira lhe dera algo para comer e beber, e a ajudara a tomar banho e vestir roupas limpas. Em seguida, um médico a examinara. A enfermeira e o médico também não respondiam às suas perguntas sobre os pais.

Enquanto esperava em uma salinha, imaginando quando o pai apareceria para levá-la para casa e o que ele diria ao descobrir que

todos os criados tinham desaparecido, Mary escutou os dois guardas conversando na sala ao lado.

— Essa história foi um horror! — comentou um deles, muito sério. — Coitadinha. Se tivéssemos conseguido evacuar a família antes dessa confusão toda... A epidemia de cólera não poderia ter vindo em uma hora pior...

Mary aguçou os ouvidos. Sabia que cólera era uma doença mortal, que levava muita gente, mas o que aquilo tinha a ver com sua família?

— O médico disse que a cólera levou a mãe da garota de repente. O pai a trouxe às pressas no meio da noite, mas já era tarde demais... — falou o guarda.

Mary congelou, um mau presságio descendo como um arrepio pela espinha. Tarde demais para quê?

— A mãe morreu naquela noite, e o pai se foi na manhã seguinte.

O coração de Mary começou a martelar tão rápido que ela achou que fosse pular do peito. *Papai e mamãe... mortos?* Arfou. Não, não podiam ter morrido! Não podiam! Mas, mesmo negando, sabia, com uma certeza horrível e devastadora, que só podia verdade. Os guardas não teriam se enganado a respeito de uma coisa daquelas. Foi tomada por um choro enorme, um misto de soluço e choramingo, um pranto engasgado.

Ouviu passos, e um dos guardas pôs a cabeça para dentro da porta.

— Ah, meu Deus! Ela está aqui.

O homem pigarreou, constrangido, claramente sem ter ideia de como consolar a menina de 10 anos.

Seu colega se juntou a eles.

— Ah, meu Deus, o que vamos fazer com ela? A menina não

pode ficar aqui — comentou.

Em meio às lágrimas, Mary notou o primeiro guarda consultando as anotações.

— A menina tem um tio viúvo na Inglaterra. Será mandada de volta no navio, junto das outras crianças.

Copyrighted image

Mary foi passada de mão em mão, como uma encomenda indesejada. Ao deixar o hospital, ficou hospedada com um pastor, o sr. Crawford, que morava com a esposa e os cinco filhos. Mary ouvia os comentários dos adultos em volta, alegando que seria melhor para ela ficar com outras crianças, mas não entendia por quê. Ela não queria brincar com os filhos dos Crawford. Eram todos mais novos e ficavam perguntando tudo sobre seus pais, sobre como tinham morrido. Mary estava se sentindo muito mal, não queria ter que explicar nada. Até que, por fim, perdeu o controle e rasgou um desenho que o mais novo fizera para ela, gritando para que as crianças a deixassem em paz. Depois daquilo, os cinco mantiveram distância, observando-a de longe, como se fosse um animal estranho e selvagem. Mary não ligou. Achava que nunca mais ligaria para nada.

Tinha ouvido o pastor conversando com a esposa robusta e cheia de boas intenções, cochichando sobre ela:

— Coitadinha... Já mandaram um aviso para Londres... O sujeito é tio porque foi casado com a irmã gêmea da mãe dela, que morreu há anos... Que tragédia, pobre homem. Mas é o único parente vivo, e vai ter que acolher a menina, querendo ou não...

Finalmente, um telegrama chegou.

— O navio para a Inglaterra parte amanhã — informou a sra. Crawford. — Seu tio, o sr. Craven, que foi casado com sua tia Grace, concordou em recebê-la na casa dele. A casa se chama Misselthwaite Manor, e fica em Yorkshire. Você é mesmo uma garota de sorte, Mary. Seu tio é um homem rico.

A menina engoliu em seco. Como a sra. Crawford tinha coragem de dizer que ela era uma garota de sorte? Seus pais estavam mortos e seria mandada para morar com um tio velho em uma casa horrível, em um país estranho! Seus olhos arderam com as lágrimas, mas se recusava a chorar na frente dos Crawford. Ela se recusava!

Apertando os lábios, Mary assentiu e subiu as escadas. Já no quarto, fechou a porta e se jogou na cama, soluçando sem parar contra o travesseiro, que abafava o choro amargo.



O navio que a levou da Índia para a Inglaterra estava cheio e barulhento. Havia famílias demais a bordo, todas voltando para a Inglaterra por causa dos tumultos no país. Mary passou a viagem fazendo as refeições junto das outras crianças e fazendo tudo que lhe mandavam. E odiou cada segundo. A comida era horrível, e as crianças eram brutas e barulhentas. No primeiro dia, empurrou o prato de comida para longe.

— Isso é nojento! — exclamou.

Um garoto todo desalinhado sentado ao seu lado tratou de pegar o prato e passar a comida para o próprio prato. Mary o encarou, estupefata.

— Eu não disse que você podia fazer isso!

— Também não disse que eu não podia! — respondeu ele. — Se não vai querer, eu como.

— Você não entende. Preciso de uma comida melhor que essa. Meus pais morreram.

Ele deu de ombros.

— Todos aqui perderam alguma coisa.

Mary ficou assistindo ao garoto engolir sua comida. Não gostou muito dele, mas era a única pessoa que tinha falado com ela.

— Você... quer ouvir uma história? — perguntou, hesitante.

O garoto a olhou com desdém.

— Não, eu não sou criança.

Ele se levantou e foi se sentar ao lado de outra pessoa, deixando-a sozinha. Desde então, Mary mal trocara uma palavra com alguém na embarcação.

Mary se levantou e foi até a lateral do navio. Um corrimão circundava todo o convés, e o oceano azul intenso se remexia, imenso, logo abaixo. Ergueu Jemima. Talvez pudesse contar alguma das histórias da aia para a boneca, fugir para dentro delas, esquecendo-se de toda aquela situação. Contar histórias sempre fora sua maneira de lidar com as coisas, quando a mãe não queria vê-la ou o pai estava ocupado demais para brincar.

— Vou contar uma história, Jemima. Como eu fazia quando estávamos em casa. Era uma vez o Senhor dos Mares. Seu nome era Varuna, e ele... ele...

As palavras pareciam escapar. Mary recomeçou:

— Varuna era muito poderoso. Ele...

Ela hesitou. Não adiantava. Só conseguia pensar na casa que deixara para trás.

— Eu não tenho mais onde morar, não é, Jemima? — sussurrou.

— Não tenho mais um lugar para mim, não tenho mais ninguém.

Sentiu uma pontada de dor, encarando o rosto inexpressivo de Jemima. Ela era apenas uma boneca, não uma amiga. Só criancinhas brincavam com bonecas, criancinhas do tipo que comiam o que colocavam em seu prato e ficavam quietas quando mandavam. Criancinhas que eram passadas de um lugar para o outro, que precisavam fazer o que os adultos queriam. De repente, Mary tomou uma decisão.

— Não sou nenhuma criança — declarou, resoluta. — Não sou mais criança.

Soltou Jemima. A boneca caiu na água, e Mary ficou olhando, estarrecida. O que tinha feito? Jemima boiou por um tempo, encarando Mary uma última vez, e as ondas a engoliram.

A menina sentiu um nó na garganta, mas logo o engoliu. *Pare de chorar*, disse a si mesma. Ergueu o queixo e seu olhar era desafiador. Não choraria mais — nem naquele momento, nem nunca.

Cruzou os braços e deu as costas para o corrimão, trancando o coração partido com um cadeado.

CAPÍTULO TRÊS

Misselthwaite Manor

○ navio chegou à Inglaterra, e Mary foi recepcionada por uma mulher muito séria de cabelos grisalhos. Ela usava um sobretudo de lã azul todo abotoado, deixando à mostra apenas um pedaço da echarpe enrolada no pescoço, e carregava uma bolsa de couro pendurada no braço. Ela examinou Mary de cima a baixo, e, a julgar pelo franzir da testa, não pareceu gostar do que viu.

— Eu sou a sra. Medlock — anunciou. — Sou a governanta do sr. Craven. Venha comigo.

Mary se lembrou de uma palavra que o pai uma vez usara para descrever a tia mais velha de um colega: *formidável*. E Mary achou que *formidável* era uma descrição exata da sra. Medlock. Mas lembrou também que a mulher era apenas a governanta — não passava de uma criada —, então tinha que seguir as ordens que a família dava.

Pensando na decisão de não se comportar mais como uma criancinha, Mary encarou a sra. Medlock antes de responder, com frieza:

— Pois bem.

E, de cabeça erguida, seguiu a governanta até o trem que as levaria a Yorkshire. Quando o apito soou, e o trem começou a correr pelos trilhos, com nuvens de vapor soprando alto pela chaminé, Mary percebeu que a sra. Medlock a examinava.

— Ora, ora, aposto que ninguém dá nada por você, não é mesmo? — comentou com seu sotaque de Yorkshire.

Mary analisou as palavras, tentando entender o que significavam. *Acho que ela está dizendo que não sou muito bonita*, concluiu. Não ligou muito para o comentário; também não se considerava particularmente bonita. Não tinha a longa cabeleira dourada das princesas dos livros de histórias, nem as madeixas pretas e os encantadores olhos castanhos das meninas indianas dos contos da sua aia. Mary era pequena e magricela, o cabelo cor de castanha-da-índia, pele pálida e olhos esverdeados e curiosos quase grandes demais para o rosto. *Ela tem razão*, pensou, *mas que coisa estranha para uma criada dizer*.

Então virou o rosto e ficou olhando pela janela.

A sra. Medlock, à sua frente, se acomodou melhor na poltrona e recomeçou, com tom de advertência:

— Olhe, mocinha, não sei o que foi que lhe disseram, mas não espere luxos em Misselthwaite. Aquela não é mais a mesma casa de antes.

A mulher ficou com o olhar distante, e Mary teve a sensação de que ela estava relembrando o passado.

— Quando a jovem senhora ainda era viva, tínhamos uma equipe inteira de funcionários, o estábulo estava cheio de cavalos e havia bailes elegantes... mas isso mudou. — Ela soltou um muxoxo de reprovação, indignada. — Aqueles selvagens do exército! Transformaram a casa em hospital durante a guerra. Trouxeram os feridos, os mortos e os moribundos. Montaram acampamento no

jardim e mantiveram os doentes no salão de bailes! O silêncio tomou conta, e agora ninguém sabe o que fazer com a casa. Eles deixaram um rastro de destruição!

Mary não disse nada.

Mas a sra. Medlock claramente esperava uma reação.

— Então? Nem se importa?

— Faz diferença se me importo ou não? — retrucou Mary.

A sra. Medlock estreitou os olhos e a encarou por um bom tempo.

— Você é mesmo estranha, hein?

A antipatia inicial pela governanta só se intensificou, e Mary virou o rosto de volta para a janela, pondo fim à conversa. A sra. Medlock fungou e pegou um livro.

O trem avançava mais e mais para o norte, e Mary continuava observando a paisagem. A Inglaterra era tão cinza! A chuva batia com força no vidro da janela. Campos encharcados se estendiam para todos os lados, e vacas e ovelhas mantinham a cabeça baixa sob o aguaceiro. Era tudo tão diferente da Índia ensolarada! Lá, a chuva era como um hóspede há muito aguardado, dando vida às flores e permitindo que os botões verdes abrissem caminho em meio ao solo seco.

O trem seguiu por um bom tempo, até que as duas desceram em uma estação e entraram em um carro dirigido por um homem sério e ríspido. Mary pegou no sono logo que o carro começou a andar. Quando acordou, percebeu um cinza interminável que se estendia de cada lado do veículo. Nunca tinha visto nada parecido.

— Aquilo é o mar? — perguntou, examinando as nuvens que rodopiavam no alto.

— O mar! Que tolice, menina — zombou a sra. Medlock. — São os pântanos. E tome o cuidado de ficar em casa quando tiver

*image
not
available*

— A partir de agora, este é o seu lar — falou a sra. Medlock. — Isso graças à bondade de seu tio. — Ela olhou fixamente para Mary. — Agora, quando encontrá-lo, trate de não encarar. Entendeu, mocinha?

Mary ficou intrigada. Por que a sra. Medlock achava que ela ficaria encarando o tio?

A governanta continuou:

— O pobre homem já sofreu o bastante. E, vendo você, com a aparência que tem... Não. — Ela balançou a cabeça, como se aquilo fosse demais. — Garota, aqui em Misselthwaite, você vai ter que virar uma sombra. Nada mais que isso: uma sombra.

Mary não entendia por que sua aparência poderia perturbar o tio, mas, antes que pudesse perguntar, a sra. Medlock se adiantou, subindo os degraus de pedra até a porta de carvalho e ferro. Mary a seguiu pelo enorme saguão de entrada, cheio de retratos de homens e mulheres que olhavam feio das paredes. Uma larga escadaria central subia até um patamar com uma janela enorme. O lugar não podia ser mais diferente do que a sua casa iluminada e arejada na Índia.

— Bem, vamos começar do início — disse, marchando até um interruptor de bronze na parede. — Aqui nesta casa temos eletricidade.

Ela virou o interruptor. O enorme lustre de vidro no centro do saguão se acendeu; mas, com um chiado, as luzes se apagaram outra vez. A sra. Medlock ergueu as sobrancelhas.

— Mas não significa que funcione sempre. Então, se precisar ir ao banheiro à noite, leve uma lamparina. Outra coisa: o patrão é viúvo e vive sozinho. Ele prometeu que alguém virá cuidar de você em breve, mas, por enquanto, não espere ter com quem conversar, porque não terá.

Mary, de pé no meio daquele saguão cavernoso, se recusava a se

*image
not
available*

outras crianças na mansão... Será que era um pássaro ou talvez outro animal? Mary escutou o som de novo. Saiu da cama e foi andando furtivamente até a porta do quarto. O som parecia vir do andar de cima. Talvez fosse seu tio. Escutou com atenção, o ouvido colado na porta. Não parecia ser de um homem. De repente, ficou muito preocupada. *E se... E se for um fantasma?*

Mary ficou com a pele arrepiada; por um instante, pensou se não seria melhor permanecer no quarto e ignorar o barulho. Mas a curiosidade a venceu. Precisava descobrir o que estava fazendo aquele barulho tão terrível.

Juntou coragem, saiu do quarto e se aventurou pelo corredor sombrio.

*image
not
available*

respondiam se ela fizesse uma pergunta, mas, caso contrário, apenas assentiam, mudos.

Martha começou a tirar as cinzas da lareira.

— O ar está bem gelado hoje, não acha? — tagarelava, espalhando papel por cima das cinzas. — Mas a primavera já está chegando. Pelo menos, segundo meu irmão, Dickon. Ele está sempre lá nos pântanos e sabe mais sobre a natureza e os animais do que qualquer um.

Mary franziu o cenho. Não conseguia decidir se gostava ou não dessa criada tagarela.

— Fiquei com frio à noite — declarou, num tom acusatório. — Ninguém escutou quando chamei.

— Provavelmente porque estava todo mundo dormindo. Tem um segundo cobertor embaixo da cama, se ficar com frio de novo.

— E também ouvi uns barulhos... — continuou Mary. — Um choro, gritos...

— Não — negou Martha, com firmeza, acrescentando uma camada de carvão ao fogo. — O que você ouviu foi o vento, só isso. Ele sopra forte pela casa.

Mary considerou a hipótese. Talvez Martha tivesse razão e ela houvesse sentido medo à toa. Sem querer parecer boba, mudou de assunto.

— Enfim, eu precisei de alguém. Você devia dormir do lado de fora do meu quarto. Minha aia dormia junto da porta e sempre vinha quando eu a chamava.

Para seu espanto, Martha apenas ergueu as sobrancelhas.

— Bem, não sei quem é essa aia, mas parece que ela não está aqui, não é mesmo? — retrucou, acendendo o fogo. — E eu não vou dormir do lado de fora do seu quarto esta noite, nem em nenhuma outra. Vou ficar na minha própria cama, muito obrigada.

*image
not
available*

CAPÍTULO CINCO

Explorando a mansão

Depois de terminar de brincar com o cavalo, Mary inspecionou o baú de madeira no canto do quarto, onde encontrou alguns brinquedos bem velhos. A maioria não lhe pareceu muito interessante: uma lata com soldadinhos de metal já com a tinta descascando, um pião e uma caixa de surpresas. Encontrou uma corda com cabos de madeira e tentou pular um pouco dentro do quarto, até que percebeu que precisava de mais espaço.

Pensou em usar os brinquedos nos jardins, e olhou para a porta do quarto. A sra. Medlock a advertira sobre não explorar a mansão, mas por quê? *Não sou nenhuma prisioneira*, pensou, rebelando-se. *Essa casa é do meu tio. Com certeza ele não quer que eu fique presa o tempo todo no quarto.*

Guardou a corda no bolso grande e frontal do vestido e saiu pelo corredor. Não sabia bem para onde ia, mas achava importante mostrar à sra. Medlock que não acataria ordens à toa.

Uma luz fraca entrava pelas janelas de pedra, iluminando as tábuas lisas do piso e as pinturas nas paredes. Pela janela, Mary examinou a parte dos fundos da casa, esperando ver jardins

*image
not
available*

Ouviu um farfalhar e olhou em volta. Alguns arbustos se remexiam, como se algo estivesse prestes a sair por entre os galhos. A garota se encolheu, receosa, vendo um cachorro surgir do arbusto: primeiro o nariz, depois o focinho todo, então o corpo marrom e desganhado.

— Não! Sai! Vai embora! — gritou, sacudindo as mãos para espantá-lo.

Os cachorros na Índia eram quase todos animais de rua, em geral, bem perigosos.

Mas aquele cachorro a ignorou e trotou até o pedaço de carne que caíra perto dos arbustos, farejando a fatia rosada.

— *Não!* Isso não é seu! — gritou Mary.

O cachorro engoliu a carne de uma só vez, esfomeado.

— Pronto, já comeu. Agora pode ir embora — mandou a menina, apoiando os pés no chão, já se preparando para correr, caso precisasse. — Xô!

Mas o cachorro viu o segundo pedaço de carne, caído mais próximo dela.

— Ah, não! — exclamou Mary, aflita. — Não se atreva! Está perto demais de mim! Vá embora!

A menina guinchou quando o animal saltou para cima da carne, mas ele apenas agarrou-a entre os dentes, deu meia-volta e saiu correndo. Mary olhava enquanto o cão se afastava; parecia ter ficado com tanto medo quanto ela. E também parecia estar com tanta fome quanto ela.

Depois de terminar de comer o pão e a maçã, Mary deu a volta até os fundos da casa e passou a tarde explorando o jardim. Em uma área mais afastada do antigo acampamento dos soldados, encontrou muitas árvores, samambaias e arbustos sem poda, ladeando sinuosos caminhos de cascalho. Suas botas logo ficaram imundas de lama, e

*image
not
available*

— Tem um jeito certo de preparar o fogo?

— Tem sim, senhora — respondeu Martha, sem se virar para encará-la, colocando carvão sobre a camada de papel.

Mary pegou um pedaço do carvão. O pó escuro manchou seus dedos, e caiu poeira no tapete.

— Senhorita, não, por favor! — exclamou Martha, parecendo exausta. — Vai arruinar o tapete e o vestido que está usando, e serei eu quem terá que limpar os dois.

Mary suspirou. Ajudar Martha não estava funcionando para despertar sua simpatia. Acabou desistindo; sentando-se no chão. Mudou de assunto.

— Martha. Os barulhos que escuto durante a noite... são soldados mortos que assombram a casa?

Por um instante, Mary teve certeza de que viu uma pontada de medo nos olhos da criada.

— Não sei do que está falando. Se escutar barulhos, simplesmente, volte a dormir. É o melhor a fazer.

Mary tinha certeza de que a criada sabia mais do que estava admitindo. Observou-a acender o fogo em silêncio e se dirigir à porta sem mais uma palavra.

Sentiu-se irritada e infeliz com a perspectiva de ser deixada sozinha de novo.

— Eu não pedi para estar aqui, sabe? — desabafou, zangada.

Martha olhou para trás.

— E o sr. Craven não pediu para acolher você, mas mesmo assim aceitou sua presença — retrucou, com calma e firmeza, então saiu e fechou a porta.

Mary bateu o pé, irritada. Ao que parecia, a única pessoa que quisera conversar com ela naquele lugar horrível não queria mais.

*image
not
available*

— Jemima?

Nada. Mary sentiu a decepção inundá-la; tinha perdido a companhia. Estava prestes a ir embora quando a amiga, de repente, enfiou a cabeça pelo buraco e latiu, como se encorajasse Mary a passar por ali também.

— Não tenho como seguir você por aí, Jemima — explicou Mary, com um sorriso largo. — Esse buraco é pequeno demais para mim. Mas então é aqui que você mora?

O animal choramingou.

Mary ergueu os olhos. O muro era alto, com uma cobertura espessa de heras e uma árvore enorme junto das pedras. *O que tem do outro lado?*, perguntou-se. *Talvez eu possa escalar e ver...*

Naquele exato instante, ouviu um sino soar ao longe, e a sra. Medlock gritou:

— Mary! Mary!

Ah, droga, pensou, irritada.

Os gritos da sra. Medlock e o soar do sino ficaram cada vez mais insistentes.

Mary suspirou e olhou para o cachorro.

— Amanhã eu volto — prometeu, deixando o resto do sanduíche no chão, para que o animal o comesse. — Vejo você amanhã, Jemima. Não suma.

O cachorro latiu, e Mary abriu um sorriso antes de partir. Seu coração estava muito mais leve quando correu de volta para a casa. Finalmente fizera uma amizade em Miselthwaite.

*image
not
available*

— É você, que nem sorris!?

— O que você está fazendo aqui?

— O quê? Não posso estar aqui? — desafiou Mary.

Colin a encarou com um olhar de advertência.

— Não estou interessado em fazer amigos.

— Ótimo, porque eu já tenho amigos o suficiente — retrucou Mary, dando de ombros.

Ela respirou fundo, então, de repente, soltou uma gargalhada; não conseguia mais se segurar. Esse primo novo podia ser bem estranho e bastante irritadiço, mas falar com alguém da sua idade era tão bom, parecia um milagre! Colin retorceu os lábios em um breve sorriso, e Mary teve a sensação de que ele estava apreciando a conversa tanto quanto ela.

— Então é você que grita de noite — observou, se aproximando. — Achei que fosse um fantasma, que essa casa fosse amaldiçoada...

— Achou que a casa fosse amaldiçoada? — interrompeu o garoto.

— Sim, por causa de todos os soldados que morreram aqui.

— Não — retrucou Colin, balançando a cabeça. — É amaldiçoada, sim, mas não pelos soldados. A maldição veio antes da guerra. As pessoas dizem que é porque essa casa matou minha mãe. E agora querer me matar também.

— Minha mãe também morreu. — A culpa secreta que pesava em sua consciência, o segredo no qual Mary sequer se permitia pensar, escapou de repente: — É a culpa é minha!

Mary sabia que era verdade. Desejara que a mãe morresse, e seu desejo se tornara realidade. Ficou olhando para Colin, esperando a reação dele.

O primo a encarou com desconfiança.

— É mesmo?

*image
not
available*

Martha guardou a escova.

— Minha mãe me disse isso uma vez, quando eu estava de mau humor. Ela olhou para mim e disse: “Você fica aí dizendo que não gosta disso nem daquilo, mocinha, mas será que gosta de si mesma neste momento?”

A porta se abriu de repente, e a sra. Medlock entrou, marchando a passos firmes. Mary notou que Martha arregalou os olhos, alarmada.

— Não que eu queira interromper este belo momento — disse a governanta, olhando feio para Martha —, mas estão nos esperando.

— Sinto muito, sra. Medlock — gaguejou Martha. — Eu...

— Não foi culpa da Martha — interrompeu Mary, mais que depressa, sem querer que a criada tivesse problemas. — Eu estava demorando demais. Ela estava justamente me repreendendo por isso.

Martha olhou surpresa para Mary; parecia agradecida.

A sra. Medlock fungou, irritada.

— Não me interessa de quem é a culpa. O que interessa é que você está atrasada. Agora venha, criança. — Ela saiu do quarto. — O senhor está esperando.

*image
not
available*

— Não. Ordens do sr. Craven. Ele não quer que eu vá embora dessa casa, como as outras mulheres.

— O quê?

A sra. Medlock olhou espantada para a porta do escritório.

— Por favor, certifique-se de que a sra. Pitcher providencie meus sanduíches especiais — pediu Mary, com firmeza. — Preciso de mais carne, estou em fase de crescimento.

A sra. Medlock estava boquiaberta. Mary correu para o quarto, sem conseguir mais conter o sorriso.

Copyrighted image

Mais tarde, ainda naquela manhã, ela voltou ao tronco caído no qual conhecera a cadela Jemima. O dia estava mais claro, e o céu tinha toques de azul, apesar das nuvens espessas ainda esconderem boa parte dele. Mary abriu os sanduíches que a cozinheira lhe entregara e tirou uma fatia do tal presunto.

— Sei que está aí! — disse, olhando para os arbustos, mas os galhos não se mexeram. — Se acha que vou jogar um pedaço no chão, está muito enganada! Vai ter que sair e comer da minha mão, como um animal educado.

A cabeça marrom de Jemima despontou por detrás de um tronco de árvore.

Mary sorriu e estendeu a carne. A cadela se aproximou, hesitante, mas logo trotou para mais perto. Abanando o rabo desgrenhado, Jemima comeu o presunto e lambeu os dedos de Mary, que riu ao sentir a aspereza da língua do animal. Deu mais algumas fatias a Jemima, que a deixou acariciar suas orelhas e rosto.

*image
not
available*

CAPÍTULO NOVE

O jardim secreto

As trepadeiras seguraram Mary, o túnel de folhagem desacelerando a queda. Com um baque abafado, ela caiu no topo de uma ladeira íngreme e saiu rolando, descendo às cambalhotas pela vegetação coberta de folhas. Quando finalmente parou, ficou um tempo deitada, verificando se não tinha quebrado nenhum osso. Abriu os olhos, ainda meio tonta. Uma mulher de cabelo escuro e vestido longo, meio desbotada e fantasmagórica, debruçava-se por cima dela, parecendo preocupada.

— Mãe! — exclamou, chocada. Mary se sentou de repente, mas a figura se desfez à luz do sol.

A menina inspirou fundo, trêmula. Devia ter batido a cabeça na queda. Por um instante, realmente pensara que a mãe estava ali, mas é claro que aquilo era impossível.

Onde estou?, perguntou-se, olhando ao redor. Estava cercada de árvores, cujos galhos se tocavam no alto das copas. Entre os buracos do domo folhoso, o sol brilhava forte, pontilhando o chão em volta dela.

*image
not
available*

A jovem teve certeza de que os dois animais estavam tentando convencê-la a fazer alguma coisa. Levantou-se e foi até a estátua. O canto insistente da ave ficou mais alto quando ela se aproximou, e Mary teve a sensação esquisita de que estava sendo encorajada.

— Tem alguma coisa aí dentro? Uma coisa que vocês querem que eu encontre?

Teve que ficar na ponta dos pés para enfiar a mão dentro da boca da estátua. Tateou o musgo seco, e os dedos logo esbarraram em alguma coisa dura e metálica. O que era aquilo? Estava longe demais para ela alcançar.

Jemima latiu e parou ao seu lado. Mary olhou para baixo e viu que a cadela tinha buscado um graveto, que largou aos pés de Mary.

A menina sorriu. Era exatamente do que precisava!

— Que ótima ideia, Jemima!

Mary pegou o graveto e o encaixou na boca da estátua, fisingando o objeto de metal. Sob a luz do sol, viu que era uma chave de ferro grande, coberta de musgo. Limpou a chave e a observou, estupefata. Por que teriam escondido uma chave dentro da boca da estátua e o que ela abria?

— Então era isso que queriam que eu encontrasse? — perguntou aos animais. — O que eu faço com essa chave?

Jemima pulou nas três patas, latindo, e o pisco cantou.

— Não estou entendendo — retrucou Mary, rindo. Analisou o jardim iluminado pelo sol, as samambaias gigantescas e verdejantes e as árvores seculares protetoras. — Mas este lugar... Este jardim é incrível.

Queria explorar mais, porém, bem naquele momento ouviu o som distante do sino tocando e o chamado da sra. Medlock.

— Preciso ir — disse, frustrada, guardando a chave no bolso. — Volto amanhã. Eu prometo. Preciso dar uma olhada na sua pata,

afinal? Tudo bem que o garoto era pálido e magro, mas não parecia terrivelmente doente.

Depois de alguns minutos, Mary ouviu a sra. Medlock saindo.

— Volto quando você tiver se acalmado — anunciou, fechando a porta e balançando a cabeça.

Mary se espremeu mais nas sombras, mal podendo imaginar como estaria encrencada se fosse descoberta. Aguardou mais alguns minutos para ir na ponta dos pés até a porta de Colin.

O garoto deu um salto com a entrada da prima. Estava com o rosto coberto de lágrimas, e as secou com a mão enquanto dava as costas para Mary. A menina sabia que o primo estava tentando se recompor, que não queria ser visto chorando.

— Às vezes, preciso de remédios — explicou o garoto, com uma voz tensa e formal, como se achasse que devia alguma explicação a Mary. — Meu pai diz que é para o meu próprio bem. Nunca o vejo, ele é ocupado demais, mas foi o que os médicos disseram...

Colin tomou fôlego e virou o rosto de volta para ela.

— Achei que você não viria mais aqui.

— Eu resolvi que queria ver você.

Mary notou uma coisa do outro lado do quarto: uma cadeira de rodas! Não tinha visto aquilo antes. Foi até ela e se sentou.

— É sua? Você não pode andar? É por isso que ela está aqui?

— Não é da sua conta. Não toque nisso! — exclamou Colin, zangado.

— Ela desliza tão bem... — comentou Mary, balançando-se de um lado para o outro. — Quer que eu o ajude a se sentar nela para podermos explorar a casa juntos? Posso empurrar você!

— Não! Não uso muito a cadeira por causa das minhas costas. Você já viu a corcunda do meu pai, não viu? A minha é igual, só que

*image
not
available*

CAPÍTULO ONZE

Sonhos e lembranças

Mary leu até os olhos de Colin se fecharem, então saiu do quarto na ponta dos pés.

Fechou a porta com cuidado, então congelou ao ouvir uma risada alegre atrás de si. Mary deu meia-volta e viu duas silhuetas fantasmagóricas vindo a toda pelo corredor, duas jovens com vestidos de baile brancos e compridos: sua mãe e sua tia Grace. As duas sorriram para ela e desapareceram em pleno ar.

Mary piscou algumas vezes, sentindo um arrepio na espinha. Teria mesmo acabado de ver dois fantasmas? *Só posso ter imaginado*, pensou, olhando fixamente para o corredor vazio. *Não é?*

Naquele instante, um outro barulho a fez saltar: era a sra. Medlock subindo as escadas. *Ah, não!* Seria flagrada! Disparou para a porta mais próxima, diretamente em frente ao quarto de Colin, e girou a maçaneta. Para seu alívio, estava destrancada, e ela entrou num cômodo amplo.

Ela andou pelo quarto, curiosa, e notou um filete de luz em uma das paredes. Ao se aproximar, percebeu que era o contorno de uma porta secreta. A empolgação borbulhava dentro dela. Para onde

*image
not
available*

fechada na cara de Mary.

Ela me odeia, pensou a menina, deixando escapar duas lágrimas.

— Mary? — Era o pai. Ele subiu para a varanda e notou que a menina estava chorando. — Ah, minha macaquinha... — disse, secando as lágrimas da filha com o polegar. — Queria ver sua mamãe?

Mary assentiu, e ele suspirou.

— Ela... a mamãe não pode ver você agora. Ela está triste.

— Mas eu podia tentar deixar ela feliz, papai.

Ele abriu um sorriso pesaroso.

— Infelizmente não daria certo, minha macaquinha. A mamãe fica pior quando vê você. Não é culpa sua, não se preocupe.

Mary não entendia. Por que sua mera imagem fazia a mãe se sentir pior?

— Ela está doente — falou o pai, triste. — Muito doente.

Mary franziu a testa.

— Eu queria que ela morresse logo e deixasse a gente em paz!

— Mary, não fale assim — repreendeu ele, ríspido. — Agora vá brincar, como uma boa menina. Eu preciso trabalhar.

Mary segurara as lágrimas. Seria boazinha como o pai pedira, porque, se não fosse... bem, aí talvez ele também começasse a fechar portas na sua cara e parasse de amá-la.



Mary despertou com Martha limpando a grade da lareira.

— Bom dia, senhorita — cumprimentou a criada, abrindo um sorriso amigável para Mary, que se sentara na cama.

*image
not
available*

— Caçando? Isso é mentira! Nunca usei uma armadilha na vida!

— Usou, sim — discordou Mary, mas com menos certeza. — Só pode ter sido você! Alguém deixou uma armadilha nos pântanos, e minha cadela, a Jemima, ficou presa nela.

— Jemima? — Dickon ergueu uma sobrancelha. — Se está falando daquele cachorro marrom que tem andado por esses lados, não sei se ele gostaria desse nome, considerando que é macho.

— Macho? — ecoou Mary, surpresa. — Jemima é macho?

Dickon assentiu.

— Ah.

Mary mordeu o lábio. Jemima ser macho ou fêmea não era tão relevante, não no momento. A cadela — ou cachorro — estava ferida, e, pelo visto, Dickon não era o responsável.

— Bom, isso não interessa. Não muito. O importante é que ele está ferido.

— Ferido? — O tom de Dickon mudou imediatamente. — E cadê o cachorro? Pode me levar até ele?

— Eu poderia... — Mary olhou desconfiada para ele. — Mas por que eu deveria confiar em você?

— Eu sei como fazer o cachorro melhorar. Confie em mim.

Mary encarou os olhos castanhos dele, e viu sinceridade.

— Muito bem, mas, se vou mostrar onde ele está, preciso que concorde em guardar segredo.

Dickon assentiu e cuspiu na palma da própria mão.

— Dou minha palavra. Vou guardar segredo — disse, solene, estendendo a mão para Mary.

Ela ficou intrigada.

— Por que você cuspiu na mão?

Dickon pareceu surpreso.

— Você tem que cuspir na sua também — explicou —, daí

*image
not
available*

CAPÍTULO TREZE

O quarto escondido

Naquela noite, Mary voltou ao quarto de Colin, perguntando-se como estaria o humor dele. Para seu alívio, o primo pareceu feliz em vê-la.

— Sente-se — pediu, com uma voz afetada, apontando para a beirada da cama. — Quero saber mais sobre esse jardim mágico.

Mary não precisava de mais incentivo que aquilo. Explorara o lugar mais um pouco, junto de Dickon, e tinha tantas coisas para contar...

— Eu conto, mas você vai ter que cuspir na mão e prometer que não vai dizer uma só palavra a ninguém. É o lugar mais maravilhoso do mundo!

Os olhos dela brilhavam.

— Tem centenas de árvores e plantas, e o musgo brilha. E tem umas plantas estranhas, que parecem guarda-chuvas gigantes.

Ela falava sem parar, atropelando as palavras, tentando descrever a mágica do jardim.

— Tem um templo antigo que parece sair direto do chão, com um lago no meio, e uma trilha cercada por estátuas. E tem um riacho